

Mas ele ficou feliz por o filho ter feito um amigo, então concordou com um aceno de cabeça:— Ótimo! Chu Zihang abriu a porta traseira e entrou no carro com Lu Mingfei, afundando-se nos bancos de couro NAPA branco-creme. O homem sorriu, voltou ao banco do motorista, dobrou o guarda-chuva encharcado e entregou a Chu Zihang:— Encaixa na porta, tem um burquinho próprio pra guarda-chuva.— Nossa! Que luxo! — exclamou Lu Mingfei, impressionado.— Eu sei, você já me disse antes — respondeu Chu Zihang, encarando Lu Mingfei por um instante antes de encaixar o guarda-chuva com cuidado. Apoiou o queixo na mão e observou a chuva lá fora. — Vamos.— Roupas molhadas, né? Vou ligar o aquecimento dos bancos traseiros pra você. Quem experimenta não esquece, é bom demais! — O homem voltou a se gabar do carro.— Não precisa. Troco de roupa em casa.— Mas, senior, eu quero ligar, viu? — disse Lu Mingfei, tímido. — Se chegar em casa molhado, minha tia vai me matar. Tio, pode ligar pra mim?— Claro que pode! O Zihang finalmente fez um amigo, e você deve cuidar bem dele na escola — o homem riu, limpou a garganta e falou para o painel central de madeira cerejeira: — Ligar! A tela acendeu, os instrumentos piscaram suavemente enquanto o potente motor V12 de 6 litros e turbo duplo fazia uma verificação silenciosa, sem qualquer vibração no carro. O veículo era ativado por comando de voz.— Um carro de 9 milhões. Só três vezes podem dar a partida: a minha, a do patrão... e adivinha a terceira? — O homem estava cheio de si.— Não me interessa — respondeu Chu Zihang, impassível.— Eu sei! Eu sei! — Lu Mingfei ergueu a mão animado. — A terceira voz deve ser a do senior! O homem ficou surpreso, depois soltou uma gargalhada:— Mingfei, acertou em cheio! Chu Zihang permaneceu com o rosto impassível, ainda observando a cortina de chuva pela janela, mas seus olhos brilhavam levemente. Ele sabia que o homem adorava se exibir, mas... por que aquelas lágrimas teimavam em aparecer? O Maybach recuou silenciosamente, ganhou espaço e, impulsionado pelo motor de alta cilindrada, avançou como um leopardo, cortando a chuva e saindo pelo portão da escola Shilan. A estrada estava deserta. Naquele temporal, quase todos os carros haviam buscado abrigo. Os poucos que ainda circulavam mantinham os faróis acesos. O céu estava negro como tinta, apenas ocasionais relâmpagos o rasgavam. A chuva formava uma névoa densa, tornando tudo indistinto além de cem metros. O Maybach entrou no viaduto que cortava a cidade.— Sua mãe nem veio te buscar nessa chuva.— Ainda bem que não lavei o carro de manhã. Aquela lavagem sem contato custa 80, ia tudo pro ralo.— Até agora não me mostrou o boletim do semestre.— O guarda da escola não queria deixar eu entrar de carro. Tive que dizer: "Tô buscando meu filho, nessa chuva ele vai se molhar todo se eu não entrar". Gastei um babaço.— No final, falei: "Esse carro custou 9 milhões, até na prefeitura me deixam entrar, e vocês aí cheios de regras?" Aí ele ficou mole que nem mingau. Hahaha! Enquanto dirigia, o homem não parava de falar. No som do carro, a banda irlandesa Altan tocava "Daily Growing", com vozes profundas e melancólicas: "Pai, querido pai, você me fez grande mal, Casou-me com um garoto jovem demais, Tenho 24 anos e ele apenas 14, Ele é jovem, mas está crescendo a cada dia." A estrada estava alagada, as rodas do carro levantavam paredes de água. Chu Zihang continuava em silêncio, olhando pela janela, ignorando as palavras do homem. Ele estava ouvindo a música.— Boa, né? Comprei porque disseram que era um ótimo álbum, fala sobre amor paterno! — O homem, ao ver a expressão de Zihang pelo retrovisor, percebeu que ele estava absorto na música. Zihang sempre ficava distraído quando ouvia algo. Chu Zihang quase riu da ingenuidade do homem:— Você não percebeu? É um diálogo entre uma filha e o pai. Não é apropriado pra mim.— Qual é a diferença? Amor paterno é amor paterno — o homem franziu a testa. — Você entende a letra? Ouvi dizer que seu inglês é dos melhores da escola, ganhou prêmios... mas sua mãe nunca me contou.— É verdade! O senior é fera em inglês! — Lu Mingfei interveio.— Então, filho, pode traduzir pra mim? — pediu o homem. Chu Zihang suspirou e traduziu a letra conforme a música tocava.— Essa música é da banda Altan. Fala sobre um pai que casa sua filha com um jovem de 14 anos. Ela não quer, tem medo de envelhecer antes do marido crescer. Mas o pai diz... "Filha, querida filha, minha escolha não está errada, Casei você com o filho de uma família rica, Quando eu envelhecer, ele será seu apoio, Ele é jovem, mas está crescendo." Chu Zihang continuou:— Mas depois o marido morre antes de crescer, e a moça fica desolada, tecendo mortalhas de flanela sobre o túmulo verdejante.— Que música sem pé nem cabeça! O marido morre do nada? Que final é esse? — O

homem finalmente entendeu.— Não tem significado especial. É só um folk irlandês sobre a vida. Não faz sentido pra mim — Zihang respondeu calmamente, embora gostasse da melancolia da música. Ele realmente não entendia seu significado mais profundo.— Na verdade... deve ter algum significado oculto... — murmurou Lu Minghuê, distraído, olhando pela janela.O coração de Chu Zihang deu um salto.— Se tem significado profundo, que tenha. Eu, sou um homem simples e não vou entender mesmo. Se não quer ouvir, desligo e a gente conversa — o homem desligou o som. — Já te falei do prédio novo que a empresa tá construindo? O chefe lá colocou um spa a vapor e academia de primeiro mundo, e a gente usa de graça. Tudo lá é daqueles importados caríssimos...Ele continuou a tagarelar sem parar.Lú Míng huê, ao lado, concordava de vez em quando, como num espetáculo de comédia, onde um fazia o engraçado e o outro dava as réplicas.Aquele homem provavelmente passou a vida toda falando demais — se não fosse assim, talvez não tivesse fracassado tanto.— Querem ver um DVD? Tenho Toy Story... mas é cópia pirata — o homem finalmente percebeu que seu monólogo estava caindo no vazio. Mesmo com Lú Míng huê respondendo, quem ele realmente queria que ouvisse, não estava prestando atenção. — Não, no fim de semana nós três vamos assistir juntos — respondeu Chǔ Zǐ háng secamente. — O ar-condicionado atrás está quente? — Chega de falar como se fosse meu motorista — Chǔ Zǐ háng já estava cansado. — Não preciso de motorista aqui. — O que tem de errado em ser motorista do próprio filho? — o homem parecia imune a qualquer crítica, ou talvez sua percepção fosse lenta como um bicho-preguiça. — Quando você era pequeno, fazia de cavalinho pra você. Algo estremeceu no peito de Chǔ Zǐ háng. De repente, não quis mais falar com ele. Que irritação. Sempre soltando essas frases que cortam como faca. Esse tempo juntos era raro, será que não podiam conversar direito? Pelo menos falasse daqueles tempos na casinha humilde onde brincavam de cavalinho, em vez de enrolar. Chǔ Zǐ háng pensou em silêncio. Lá fora, a escuridão engolia tudo. Através da cortina de chuva, os postes de luz cintilavam como vagalumes. A estrada já estava deserta — deviam ter fechado o viaduto. — Sua mãe... como ela está? — depois de um longo silêncio, o homem finalmente perguntou. — A mesma coisa. De manhã cuida dos gatos, à tarde sai para comprar coisas, à noite bebe com as amigas e volta conversando. No dia seguinte, dorme até às nove ou dez — Chǔ Zǐ háng hesitou, mas continuou. — Meu padrasto sai muito para eventos de trabalho, mas a mima. Ele acha ótimo que ela seja assim, sem preocupações. Só liga lá pelas dez pra saber se já voltou pra casa. Ele se sentiu um pouco mais leve. Sabia que o homem iria perguntar, e agora que tinha respondido, parecia ter soltado um peso. Sua mãe estava bem — e certamente não sentia saudades dele. Depois de tanto tempo, o homem já devia estar acostumado. Afinal, na disputa pela guarda, ele não fez força para ficar com o filho. — Toma conta direito da sua mãe — disse o homem. Pelo retrovisor, seu rosto ainda bonito não mostrava nenhuma emoção. Nenhuma reação. Típico dele. — Sim. Como você disse, toda noite supervisiono o leite antes de dormir. Se ela estiver com as amigas, eu esquento e levo pra ela — respondeu Chǔ Zǐ háng. — Essa escola Shì lán é foda mesmo! Dezesete alunos aprovados em Pequim e Tsinghua esse ano! Filhão, estuda direito! Não me envergonha! — O homem mudou abruptamente de assunto, fingindo interesse nos estudos do filho. — Meu pai decidiu que não vou fazer vestibular aqui. Vou direto para o exterior. Mês que vem faço o TOEFL — Chǔ Zǐ háng revidou com frieza. — Ah, é? — o homem ficou visivelmente desapontado. Chǔ Zǐ háng olhou para Lú Míng huê, que encarava a janela, alheio à conversa. — Não é bom ir pra fora — o homem voltou a resmungar. — Lá você só vai curtir e ficar descontrolado. E o que você vai aprender? Só inglês, e você já fala bem. — Aqui o país tá crescendo rápido, cheio de oportunidades. Na faculdade já dá pra conhecer gente importante. Seu padrasto pode arrumar uns contatos... A última frase perfurou o peito de Chǔ Zǐ háng como uma agulha. Era difícil respirar. Não tinha um pinga de dignidade? — Cale a boca! — rosnou ele, como um filhote de leão. — O quê? — o homem não captou. — Cale. A. Boca. — repetiu Chǔ Zǐ háng, gelado. — Mestre, calma. Falar assim com o tio não tá certo — Lú Míng huê interveio rapidamente. — O Lú tá certo. Que falta de educação, garoto! Eu só quero seu bem — o homem parecia atordoado. — Você devia ouvir os mais experientes... — Ouvir você adiantou de quê? Se eu seguir seus conselhos, vou me casar e não me separar? Vou comparecer à formatura dos meus filhos? Vou levar e buscar na escola na hora certa? Se seguir você, só vou

precisar pedir ajuda ao meu padrasto. A voz de Chǔ Zǐháng era pausada, sem emoção. Ele encarou o homem pelo retrovisor, com uma ponta de satisfação cruel. Queria vê-lo se contorcer. Era isso. Cada palavra como um alfinetada. Agora estava vingado. Mas vingado de quê? O único idiota nessa história... era ele mesmo. Capítulo 53 – Palavras do Escritor Um resumo sobre a linha de Longo. Já são mais de duzentas mil palavras, e chegou a hora de publicar oficialmente. Pra ser sincero, nunca imaginei que esse livro, escrito a partir de alguns fragmentos, chegasse tão longe. Essa é uma história carregada de sentimentos pessoais. Meu comportamento até lembra um pouco Yáng Zhì, haha. Tudo começou numa noite em que, deitado na cama sem conseguir dormir, resolvi reler O Clã do Dragão. Aos poucos, aquelas frustrações da adolescência voltaram à tona. O primeiro fragmento foi sobre Chǔ Xià. Eu imaginava os dois caminhando juntos no campus da Cassell, de mãos dadas, o garoto menos teimoso, a garota menos arrogante, amando-se sem peso sobre os ombros. Na verdade, esse era o meu casal favorito — e também o que mais me deixou com o coração apertado. Mas, bem, Yáng Zhì é Yáng Zhì. O final tinha que ser doloroso. O segundo fragmento foi A História de Amor em Tóquio. No início, antes de começar o livro, pensei em escrever sobre Huílǐyī, mas acabei escolhendo Chén Mònuò como protagonista feminina. Lembro que comentei no fórum dos leitores sobre por que escrevi a personagem Chen Motong como protagonista, mesmo sabendo que muitos não gostariam. A razão tem muito a ver com minhas próprias emoções — e essa história emocional não é nenhum segredo vergonhoso, é sobre meu primeiro amor. Naquela época, eu era um adolescente solitário, cheio de melancolia e achando que nada na vida tinha graça. Foi quando ela apareceu no meu mundo como um raio de luz. Nos conhecemos num show de talentos da escola. Cerca de cem alunos formavam um círculo, assistindo aos artistas que saíam por trás de cortinas improvisadas. Eu nem queria ir, mas um grande amigo do clube me chamou para apoiá-lo. Fiquei no lado direito do círculo, com boa visão e sem ninguém na frente. Enquanto observava os artistas se revezando, meu olhar passou pelo ombro do meu amigo e encontrou uma garota desconhecida. Um vestido vermelho escuro que combinava perfeitamente com ela, pensei. Ela estava sozinha num canto, segurando um leque de abanar, observando o palco central enquanto esperava sua vez. Não sabia dizer se estava solitária ou simplesmente tranquila, mas fiquei hipnotizado, incapaz de desviar o olhar. Quando entrou no palco, não era a protagonista, mas dançava lindamente. O leque se abria e fechava em suas mãos, o vestido vermelho esvoaçando no ar como nuvens ao vento. Num momento baixava os olhos, no seguinte os erguia — e eu sentia o céu clarear e escurecer ao seu redor. Aos poucos, o barulho dos amigos ao meu lado sumiu. Nem via mais os flashes das câmeras dos ricos da escola. O mundo ficou em silêncio, como se só existíssemos nós dois naquela praça. Ao sair do palco, ela ficou a menos de trinta centímetros de mim. Eu a observava sem pudor, mas também sem alternativa — era como se meu olhar não tivesse outro lugar para repousar. No final, meus amigos me arrastaram dali. Ao passar por ela, olhei com toda a atenção, tentando gravar cada detalhe. Só consegui lembrar daqueles olhos lindos e dos cílios longos — e é por isso que sempre descrevo os cílios de Chen Motong com tanto carinho nos meus livros. Foi tão mágico quanto o encontro de Lin Lan e Jiang Yang no beco em "Shanghai Fortress", mesmo que no livro o tal beco não tenha conotação tão boa. No dia seguinte, engoli o orgulho e pedi a um amigo para conseguir o contato dela. Depois, parti para o ataque sem cerimônia. Nas nossas conversas, veio a surpresa: éramos incrivelmente parecidos em tudo. Livros que gostávamos, filmes preferidos, músicas que ouvíamos. Lembro de uma noite ouvindo música juntos, quando ela de repente deu uma risada. — O que foi? — perguntei. — Tô achando que você roubou minha playlist! — ela respondeu. Comparemos nossas listas: 80% iguais. Apesar de estudar exatas, sempre fui um romântico. Adorava analisar filmes clássicos, ler livros profundos. Com ela, discutíamos Wong Kar-wai, Chen Kaige, Kundera, Camus... Ela amava "Notas do Subsolo", que eu já tinha lido. Eu devorava "Dragão Raja", que ela também conhecia.